

**Contribuindo na formação do leitor:  
propostas com duas obras infantojuvenis de Monteiro Lobato\***  
**Contributing to the reader's training: Proposals with two children's and young adult  
literary works by Monteiro Lobato**

Francisco das Chagas Souza Costa \*

---

**RESUMO:** Este trabalho objetivou contribuir de modo teórico e pragmático na formação do leitor crítico, por intermédio do texto literário de natureza infantojuvenil. Nesse sentido, a opção por estudar Monteiro Lobato e o seu pioneirismo na literatura infantojuvenil brasileira se constituiu um imperativo do qual não se pôde prescindir. Dentro da vasta obra infantojuvenil lobatiana, conhecida popularmente como *Sítio do Picapau Amarelo*, constatou-se a possibilidade do uso didático de duas obras que, coadunadas, podem representar dois elementos indispensáveis à leitura: conhecimento linguístico/gramatical e o arcabouço literário/cultural. Tratou-se, respectivamente, das obras *Emília no País da Gramática* e *O Picapau Amarelo*. Estabeleceram-se, assim, direcionamentos pedagógicos no sentido de fazer do texto literário uma ponte significativa na formação do leitor. Sugeriu-se o uso das obras no 7º ano do Ensino Fundamental, o que, contudo, não se constituiu como uma posição inflexível. Entende-se que a proposta pode ser aplicada, com as devidas adequações, em todo em toda 2ª fase do Ensino Fundamental. Assim, é preciso observar cada realidade no sentido de verificar se os discentes estão aptos a lidar com as tarefas e atividades de leitura solicitadas. Feitas as devidas ressalvas, não se tem dúvida de que o melhor modo de formar leitores críticos é “semear” o prazer pelos textos e pelo conhecimento desde os primeiros anos de vida. Nessa esteira de pensamento, a literatura infantojuvenil cumpre uma função *sine qua non*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino Fundamental. Leitor. Literatura infantojuvenil. Lobato.

---

**ABSTRACT:** This study aims to theoretically and pragmatically contribute to the education of critical readers through the children's and young adult literature. To this end, it is imperative to study Monteiro Lobato and his pioneering work in the Brazilian children's and young adult literature. From the vast work by Monteiro Lobato and his *Sítio do Picapau Amarelo* novel series, this study made a pedagogical use of two novels which, together, may represent two essential elements in reading: linguistic/grammar knowledge and literary/cultural framework. These novels were, respectively, *Emília no País da Gramática* and *O Picapau Amarelo*. A pedagogical proposal was made to use the literary text as a significant material in the reader's education. The suggestion was to use the novels in the 7th year in the middle school, which, however, should not be interpreted as an inflexible stand. In fact, the proposal can be adjusted and then applied to any year throughout the 2nd stage of middle school, provided that an analysis is carried out to identify whether the students are able to cope with the tasks and reading activities. Despite some reservation, the best way to train critical readers is by seeding in them the pleasure in reading texts and acquiring knowledge from the very first years of life. The children's and young adult literature plays a *sine qua non* role in this direction.

**KEYWORDS:** Middle school. Reader. Children and Young Adult. Literature. Lobato.

---

\* Atualmente, possui Licenciatura em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas) pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Especialização em Literatura e Ensino pelo IFRN, Mestrado em Letras pela Universidade Federal de Campina Grande e atua como Professor de Língua Portuguesa na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. José Dantas Pinheiro em São João do Rio do Peixe/PB.

## 1 Considerações iniciais

Na condição de pioneiro, no Brasil, da literatura de caráter infantojuvenil a ponto de ser visto até nos dias atuais como um dos grandes representantes dessa categoria literária, o escritor Monteiro Lobato já foi alvo de muitas pesquisas. Estudiosos da literatura brasileira têm discutido as obras, as intenções, ideologias e, sobretudo os benefícios do vasto legado literário deixado por esse autor que teimou em deixar mistérios e controvérsias. Sendo assim, o desejo de apresentar uma contribuição crítica acerca do “pai da literatura infantojuvenil” e de suas obras com os respectivos benefícios para a formação dos leitores brasileiros, perpassa pela necessidade de demonstrar a utilidade de sua obra literária no universo das crianças e adolescentes.

O vasto desafio parece ser discutir a função da literatura lobatiana que vem sendo usada como material didático enquanto um dos primeiros contatos de crianças com o mundo literário o qual traz a possibilidade de ampliação das competências de leitura, criatividade e crítica acerca da realidade social. Como proposta de literatura, os textos de lobato, até para o público menos maduro, apresentam sempre uma visão nada alienadora. A produção literária, nesse sentido, tende a ser instrumento que envolve o plano não só da linguagem, mas também de aspectos da vida em sociedade. Talvez seja esse o segredo para que um escritor chegue ao século XXI com tanta vivacidade e seja até transposto a outros tipos de mídia com êxito considerável.

A empreitada a que se propõe é fundamentalmente discutir algumas contribuições que Monteiro Lobato trouxe com sua literatura infantojuvenil para um Brasil que, ainda, pouco lê e assim tem um detrimento de suas potencialidades intelectuais. Ademais, ideias podem ser propostas sobre maneiras de reinventar uma literatura tão cheia de riquezas para despertar um maior interesse pela leitura como algo mais prazeroso e útil. No entanto, todo esse reconhecimento de um escritor consagrado não o torna isento de questionamentos ou opiniões desagradáveis. Em outras palavras, fazer crítica não significa trabalhar com verdades absolutas. Haverá sempre espaço para novas postulações desde que razoáveis. Isso seria uma espécie de antídoto para os boicotes daqueles que costumam criar “ídolos” comprometendo a neutralidade a qual acaba cedendo lugar a arroubos ideológicos.

Nessa lógica, Monteiro Lobato é o tipo de escritor sobre o qual múltiplos estudos já foram feitos, mas pela sua envergadura é possível analisar e extrair muitas ideias, sugestões e até ações que podem ser postas em prática no sentido de melhorar o ensino de literatura/leitura

em uma sociedade tão carente como a brasileira. A construção de crítica literária como qualquer discurso que nunca é totalmente original necessita de alguns auxílios. Com isso, pretende-se compreender as contribuições que a literatura infantojuvenil de Lobato pode apresentar para o ensino de Língua Portuguesa e formação do leitor-cidadão.

Sendo assim, as ideias propostas, neste trabalho, são sistematizadas de forma a abranger do melhor modo possível as relações entre essa literatura infantojuvenil do escritor Monteiro Lobato e a formação de leitores mediados pelo ambiente escolar. O conjunto de ideias, que se segue, apresenta, portanto, um caráter mais pragmático na medida em se propõe ações interventivas em sala de aula que possam trazer alguma melhoria no uso do texto literário entre crianças e adolescentes. Em outras palavras, deseja-se apresentar uma proposta de uso didático de obras lobatianas na condição de instrumento que dinamize e aprimore o processo de formação do leitor crítico. Diante da vasta obra produzida por Lobato na categoria infantojuvenil, optou-se pelo recorte com a escolha das obras “O Pica Pau Amarelo” (1939) e “Emília no País da Gramática” (1934) cujas propostas didáticas estão focadas no 7º ano do Ensino Fundamental. Na construção desse material teórico e prático, alguns autores são usados como aporte, a exemplo de: Palo e Oliveira (2006), Sandroni (1998), Leite (1997), Gregorin Filho (2009), Cademartori (2010), Colomer (2007) e Cosson (2006). Espera-se estabelecer um diálogo com as “vozes” de teóricos e críticos para se elaborar propostas de aplicação de uma literatura eficaz e salutar para os indivíduos a quem é dada a oportunidade de apreciar.

## **2 O uso da obra *Emília no País da Gramática* no 7º ano do Ensino Fundamental**

O ato de ler, que não se resume a mera decodificação, pode ser um instrumento de revolução social quando se postulam a formação de pessoas conscientes de sua realidade, aptos a atuar de modo crítico na sociedade e no âmbito político. Com isso, existe a premente necessidade de tornar o ambiente escolar num lugar onde a leitura seja explorada não como obrigação curricular, mas como um ato de prazer e meio imprescindível na formação dos cidadãos.

Diante desses fatos, pauta-se a grande importância das aulas de Língua Portuguesa que desde o Ensino Fundamental I e II precisam ser ferramentas que possibilitem um contato mais efetivo com a língua e assim desenvolvam as habilidades de leitura tão almejadas.

Entende-se, portanto, que na formação de um leitor proficiente, crítico e autônomo não se pode prescindir da aquisição de um domínio razoável dos múltiplos usos e variações a que a

sua língua materna está sujeita. Logicamente esse processo de aprendizagem acerca da língua nativa deve ocorrer, preferencialmente, desde a mais tenra idade e passa de modo inevitável pelo contato com a denominada língua padrão.

Sendo a infância e a adolescência os momentos da vida humana nos quais as habilidades linguísticas devem ser objeto de investimento vigoroso, entende-se que nada mais oportuno do que fazer uso da literatura como gênese desse processo de amadurecimento linguístico que poderá constituir adultos mais profícuos no trato com a língua e consequentemente leitores de melhor qualidade. No entanto, quando o ensino da língua parte de concepções que promovem distâncias entre leitura, análise linguística, variedade linguística (na qual se inclui norma padrão) e literatura, pode acarretar um detrimento considerável para o desenvolvimento das habilidades e aptidões cognitivas dos sujeitos participantes do processo de aprendizagem. Lígia Chiappini Moraes Leite alerta para um trabalho pedagógico com a língua materna cuja ótica de separação de conteúdos tradicionais pode configura-se como algo maléfico. Nas suas palavras, constata-se:

Como se vê, é o conceito de trabalho (não alienado) que supera a concepção tradicional de literatura, de língua e de saber. Se conseguirmos que ele esteja no centro de nossas preocupações pedagógicas, entendido como prática de um sujeito agindo sobre o mundo para transformá-lo e, para, através da sua ação, afirmar a sua liberdade e fugir à alienação, estaremos talvez conseguindo formar uma capacidade linguística plural nos nossos alunos, pela qual poderão, inclusive, de quebra, dominar qualquer regra gramatical, qual rótulo fornecido pela retórica ou pela história literária. A escola que conseguir isso certamente formará pessoas sem a metade dos nossos próprios bloqueios, de expressão verbal e outros... (LEITE, 1997, p. 25)

Nesse sentido, uma das questões mais problemáticas que se constata quando se adentra no campo do ensino da língua materna têm sido a dificuldade existente no processo de ensino-aprendizagem da leitura. Afinal, como se ensinar a ler além da simples ideia de decodificação? Como é possível formar um leitor crítico? Por que parte considerável dos alunos não consegue ser bem sucedidos em atividades que envolvem uma leitura compreensiva? Se as respostas a essas indagações fossem fáceis, talvez já tivessem sido resolvidas muitas das mazelas que se perpetuam na educação brasileira.

Entende-se que a complexidade que está envolta no ato de leitura só pode ser amenizada quando a prática de leitura na escola for suficientemente capaz de criar um novo hábito social no qual os textos escritos sejam fontes não apenas de conhecimento, mas também

de satisfação para os indivíduos. Não se pode começar isso de qualquer ponto. A gênese desse processo pode estar na literatura infantojuvenil.

Não se trata evidentemente da necessidade de retorno a práticas didáticas de outros tempos nos quais a literatura tinha função de maior destaque, mas do reconhecimento de que os textos literários têm sido sistematicamente pouco valorizados no contexto escolar, o que tem trazido prejuízo nos processos de aprendizagem onde o lidar com a língua é imprescindível.

Com isso, fica revelado que a função da literatura pode ir muito além das questões relacionadas ao prazer estético e da velha máxima: a arte pela arte. O texto literário pode ser usado, sem nenhum peso de consciência, como instrumento didático eficaz na formação cultural do indivíduo.

É bem verdade que não foram muitos os escritores que vislumbraram, de modo lúcido, a responsabilidade da literatura além do contexto artístico. No Brasil, o pioneiro nesse processo de popularizar a leitura literária entre as crianças foi o editor, tradutor e, sobretudo escritor Monteiro Lobato. A frase “Um país se faz com homens e livros” parece não ter sido pura demagogia. Havia de fato um projeto de uma literatura que atingisse o público não adulto como forma de criar um hábito nacional de leitura. Em outras palavras, “ele foi um autor engajado, comprometido com os problemas de seu tempo. Tinha um projeto definido: influir na formação de um Brasil melhor através das crianças” (SANDRONI, 1998, p. 16-17).

Os ideais de Lobato propagados pela literatura infantojuvenil possibilitaram a criação de uma obra vasta e rica de elementos da cultura nacional em diálogo constante com as tradições vindas de fora. O famoso Sítio do Pica Pau Amarelo foi o ambiente inventado para a série de histórias engenhosamente criadas. Dentre as múltiplas aventuras narradas no sítio, destaca-se, aqui, *Emília no País da Gramática*. Essa obra tem cunho explicitamente didático ao ter a proposta de um ensino da norma culta por intermédio da literatura.

Diante desse fato, surge a opinião desfavorável que prega cabalmente que a literatura não pode ser usada como pretexto para ensinar gramática. Porventura, a ideia seja de que a literatura pode perder sua qualidade ou intenção estética se for usada para fins não artísticos ou com exacerbado pragmatismo como no caso da obra supracitada.

Não obstante qualquer controvérsia, o livro *Emília no País da Gramática* traz ingredientes inovadores capazes de revelar que a literatura, mesmo quando tomada para fins didáticos, pode não perder seu valor artístico e de encantamento. Desse modo, com uma visão mais pragmática da literatura, Lobato investiu na produção de uma obra para os menores que

atingia diretamente a realidade da sociedade brasileira. Coadunado a um caráter também didático a arte literária lobatiana chegou à escola para ensinar até mesmo a gramática normativa. É justamente isso que acontece com a obra *Emília no País da Gramática*. Esse trabalho de Lobato parece ter uma finalidade específica: ensinar às crianças e adolescentes algumas regras e conceitos gramaticais da Língua Portuguesa de modo mais divertido, criativo e eficiente.

Nessa conjuntura, uma indagação é salutar: o fato de os alunos do Ensino Fundamental aprenderem razoavelmente a norma culta poderá ajudar no processo de formação de uma leitura mais consciente? É óbvio que a variedade padrão é apenas uma das formas de uso da língua (com maior prestígio), mas justamente pelo seu reconhecimento social e pela predominância nos gêneros textuais escritos não se pode negar o auxílio que a mesma prestará ao indivíduo que a domine e que seja confrontado com os vários textos em quaisquer níveis de formalidade.

Com esse entendimento, a obra *Emília no País da Gramática* apresenta o caráter literário e didático simultaneamente sem que um diminua a natureza do outro. Ademais, é preciso reconhecer que a visão acerca da gramática no pensamento lobatiano já anunciava avanços em relação aos preceitos tradicionais. A língua era vista com mutável e sujeita aos usos do ser humano. Sem fazer referência especificamente ao livro *Emília no País da Gramática*, Cavalheiro mostra que:

Dona Benta explica às crianças que a gramática é criada e não dona da língua. O dono da língua somos nós, o povo, e a gramática o que tem a fazer é, humildemente, ir registrando o nosso modo de falar. Quem manda é o uso geral e não a gramática. (CAVALHEIRO, 1962, p. 153)

Dessa forma, em *Emília no País da Gramática*, a história parte de um fato habitual do Sítio do Pica Pau Amarelo: a avó, Dona Benta, que ao reconhecer a importância do estudo, ensinava sempre às crianças os conhecimentos para que elas fossem pessoas mais sábias. No caso específico, Pedrinho tinha aulas de gramática com a dona do sítio. Surge então o conflito, pois o menino, que estava de férias, lembrava que as aulas de gramática não eram muito agradáveis na escola. Nas palavras do autor ocorria o seguinte:

Pedrinho fez bico, mas afinal cedeu; e todos os dias vinha sentar-se diante de Dona Benta, de pernas cruzadas como um oriental, para ouvir explicações de gramática. – Ah, assim sim! – dizia ele. – Se meu professor ensinasse como a senhora, a tal gramática até viraria brincadeira. Mas o homem obriga a gente a decorar uma porção de definições que ninguém entende. Ditongos, fonemas, gerúndios... (LOBATO, 2009, p. 14)

Apesar do esforço da avó, era preciso algo mais dinâmico e contagiante. Emerge daí a figura mais provocante, metida e malcriada do sítio: A boneca Emília. Essa personagem parece ser o elemento criado por Lobato para desencadear os maiores conflitos, travessuras, aventuras, ironias e críticas à sociedade. Em outras palavras pode-se dizer que “Emília, mais do que um ser humano, é uma ideia, um pensamento. É Lobato-criança. Mas é também Lobato-adulto. Nela, mais do que em qualquer outro personagem se encontra o autor” (CAVALHEIRO, 1962, p. 159-160).

Assim, no roteiro da narrativa, a boneca de pano é encarregada de sugerir a Pedrinho que em vez de estudar gramática através de um livro, eles poderiam ir conhecer o país da gramática e apreender muitas coisas sobre a Língua Portuguesa de maneira muito mais divertida. Aprender brincando: essa era a máxima no Sítio do Picapau Amarelo. O guia da aventura é o rinoceronte Quindim que conhecia bem o dito país porque tinha comido uma gramática que estava sendo lida pelo Visconde, o sabugo de milho de imensa sabedoria.

Em mais uma aventura, além de Pedrinho, Emília e Quindim foram também Narizinho e o sabugo sabichão. A curiosidade e o interesse em apreender os conceitos e os mistérios que cercam a língua chamada de padrão moveram esses personagens por muitos caminhos interessantes. Na chegada ao país da gramática são apresentados os saberes iniciais referentes à Fonologia. Vogais, consoantes e sílabas ganham vida como personagens para se entender a microestrutura da língua.

Dentre as cidades do País da Gramática, a visitada foi a de nome Portugália. O passeio torna-se, assim, o momento de conhecer mais afundo questões referentes à norma culta, mas também àquilo que desviava do padrão. Os personagens do sítio estabelecem diálogos com palavras que vão revelando vários conceitos gramaticais e sobre o uso histórico da Língua Portuguesa. Conceitos de Morfologia como classes, formação e criação de palavras; a Sintaxe e a Estilística são desenvolvidos numa sequência narrativa repleta de uma leveza capaz de eliminar a sensação do estudo de um conjunto de regras desconexas e sem muita utilidade. Concomitante a essa aprendizagem de aspectos formais da língua, Lobato não abdica de uma reflexão acerca de fenômenos linguísticos. Isso é patente quando na obra se expressa o seguinte:

Parece mais simples, mas não é. Os gramáticos mexem e remexem com as palavras da língua e estudam comportamento delas, xingam-nas de nomes rebarbativos, mas não podem alterá-las. Quem altera as palavras, e as faz e desfaz, esquece umas e inventam novas, é o dono da língua – o Povo. Os gramáticos, apesar de toda a sua importância, não passam de “grilos” da língua. (LOBATO, 2009, p. 54)

Obviamente que se faz a ressalva de que, pela conjuntura histórica da obra, muitos conceitos ou ideias acerca da língua sofreram metamorfoses e precisam ser revistas e postas para o público leitor. Independente disso é preciso reconhecer que *Emília no País da Gramática*, em termos de qualidade literária, para o público a quem se destina, não ficou nenhum pouco aquém das demais histórias que povoam o Sítio do Pica Pau Amarelo. O padrão é o mesmo e a literatura onde fantasia e realidade dialogam estão presentes com o pragmatismo peculiar do seu autor

Sendo assim, o uso dessa obra lobatiana em sala de aula do Ensino Fundamental II deve ter como finalidade não a descaracterização do texto literário enquanto arte, mas o entendimento no tocante possibilidade de ampliar o leque de usos da língua com aquisição da norma culta, por exemplo. Além disso, uma questão é salutar nessa situação: ao apreender acerca da norma padrão da Língua Portuguesa, o indivíduo terá recursos a mais para fazer uma leitura proficiente de qualquer texto? É lógico que a gramática normativa não é a chave para a formação cabal de leitores, mas dentre a enorme complexidade do ato de ler, o domínio de uma variedade que tem maior prestígio na sociedade e é predominante nos textos escritos, certamente, será um bom auxílio.

Porventura a visão vanguardista de Lobato ao defender que seria preciso investir intensamente na inteligência das crianças, fez com que sua literatura destinada a esse público tivesse um caráter pedagógico tão prático. Em *Emília no país da gramática*, percebe-se nitidamente o desejo de oferecer ao público que se encontra em franco desenvolvimento o contato com a língua padrão que circula nas situações mais formais de uso linguístico e obviamente em grande parte dos textos lidos pelos sujeitos.

Além da boa intenção, a maneira de realizá-la parecer ter sido bem sucedida. Houve na obra a possibilidade de coadunar o estudo de aspectos da língua com um fazer literário envolvente e criativo. Essa riqueza deixada por Lobato, já aproveitada em outras mídias além dos livros, pode ser cada vez mais redimensionada para outorgar bônus ao trabalho pedagógico e conseqüentemente contribuir para a aprendizagem dos discentes no contexto escolar. A gramática normativa, a língua, no sentido mais amplo, e a literatura não precisam caminhar estanques nesse processo.

Ademais, é oportuno reconhecer que o modo como se desenvolve o trabalho com o texto literário em sala de aula tem sido motivo de grandes celeumas, pois, muitas vezes, se priorizam os contextos históricos das obras em detrimento da apreciação do material linguístico

que as constituem. No caso específico de uma literatura voltada para os indivíduos que estão em pleno processo de desenvolvimento não pode ser diferente. Em outras palavras, não se concebe qualquer uso pedagógico da literatura sem o contato direto e assíduo com as obras a serem trabalhadas.

Nenhum método “mágico” será capaz, portanto, de substituir o ato, muitas vezes solitário, que o indivíduo terá ao se defrontar com a arte literária. Com o texto literário, a leitura torna-se o meio e o fim de todo processo sem o qual não se chega a lugar nenhum. Diante dessa realidade, fatores externos relacionam-se com a função do professor que é a de mediador e guia para despertar o potencial de leitores que existe nos alunos.

No contexto da sociedade atual em que a leitura literária tem perdido espaço para as novas mídias, atrair a atenção dos discentes e contar com a participação da família são desafios consideráveis para a prática docente. Fazer da literatura algo prazeroso e atraente parece ser um dos primeiros passos para depois revelar sua imensa função humanizadora e cultural. Todavia, a constatação dessa realidade de obstáculos não deve tornar o trabalho pedagógico carregado de pessimismo. É salutar a disposição para apreender e reinventar formas de uso do texto literário em sala de aula sem o peso da consciência de sempre atingir êxitos extraordinários.

Com isso, consciente das limitações, elenca-se uma série de ações que podem ser realizadas com o livro *Emília no País da Gramática* de Monteiro Lobato. Convém salientar que a proposta inserida se dirige especificamente a alunos do 7º ano, o que não impede que outras séries do Ensino Fundamental II sejam contempladas com tais sugestões. Passa-se, então, a listar uma sequência de procedimentos didáticos plausíveis:

#### ***A) Apresentação da obra pelo professor***

- O professor pode resenhar a obra para a turma apresentando os elementos mais interessantes capazes de motivar uma leitura individual;
- No momento de apresentar a obra, o professor deve conceder espaço para indagações e comentários acerca do livro.

Na condição de mediador do processo de ensino-aprendizagem, o docente precisa ser o elo entre os alunos e a obra de modo a facultar autonomia leitora. Nesse sentido, os discentes devem ser convidados a participarem ativamente do processo de leitura, compreensão e debate acerca do material sugerido. O instante no qual a obra é exposta à classe é determinante no

desenrolar de outras atividades que visam o aprofundamento nas reflexões e aprendizagens baseadas no ato de ler.

### ***B) Solicitação de leitura da obra***

- O professor solicita a leitura completa da obra a ser realizada em momentos da aula e extraclasse;
- Essa leitura extraclasse pode ser acompanhada com comentários escritos dos alunos sobre o que apreenderam do material lido.

O contato direto do aluno com o texto literário é a forma imprescindível para o desenvolvimento tanto do gosto pela leitura quanto a aquisição de aptidões linguísticas e ampliação cultural aos quais serão componentes basilares na formação do sujeito crítico e por isso apto a compreender e/ou atuar melhor na sociedade. Como o tempo disponível na escola não é suficiente para leitura de textos mais longos, é necessário que atividades de leitura extraclasse sejam sempre propostas. Nesse contexto, o empenho individual do aluno associado a um possível apoio familiar é essencial no êxito de um trabalho pedagógico que envolve a leitura literária.

### ***C) Socialização das leituras realizadas***

- Realização de um debate em formato de mesa redonda onde todos os alunos têm voz para expressar seus pontos de vista acerca da obra;
- Sistematização dos conteúdos contidos no livro com a orientação do professor.

Em decorrência de uma leitura, seguida de prováveis anotações por parte dos discentes, é fundamental que se realize um debate acerca da obra. Com a mediação do professor, é necessário que os alunos expressem aquilo que apreenderam, as dúvidas que tiveram e as opiniões que adquiriram a respeito da obra. Esse momento de discussão é crucial, pois os discentes poderão ampliar suas óticas no tocante ao material lido e assim apreender ainda mais. Nesse sentido, entende-se que

[...] só se formam leitores por meio de atividades de leitura, e estas devem ser compatíveis com a competência de leitura de cada indivíduo, mas devem oferecer meios e estímulos para que o leitor vença outras etapas, consiga decifrar novos códigos e se torne cada vez mais plural. (GREGORIN FILHO, 2009, p. 89)

No caso específico da obra *Emília no País da Gramática*, o propósito didático de aprimorar o domínio sobre a língua posta como padrão ocorre simultaneamente a um processo de formação do leitor profícuo.

#### ***D) Seminários com exposição da obra***

- Divide-se a turma em grupos os quais ficarão encarregados de expor capítulos da obra de forma sistematizada para que conceitos e normas gramaticais sejam compartilhadas;
- Cada grupo além de expor um capítulo deverá escrever e distribuir um resumo daquilo que foi exposto;
- No final dos seminários os resumos podem ser reunidos na mesma sequência do livro para que exista um material escrito resultado de todas as atividades;
- Na exposição da obra, deverá ficar bem claro o modo como estão estruturados os elementos da narrativa (personagens e narrador) e suas posições no tocante à temática (Gramática Normativa);
- O professor esclarece que mudanças nas regras gramaticais já estão previstas na obra a qual oferece a possibilidade de se compreender a língua como fenômeno heterogêneo e flexível.

A ideia de uma série de seminários, posterior aos debates, seguido de uma produção escrita são necessidades que surgem para um melhor aproveitamento de uma obra que possibilita uma discussão considerável acerca de aspectos linguísticos sem detrimento dos elementos literários.

#### ***E) Transposição de gêneros***

- Montar uma peça de teatro a partir do enredo e dos personagens da obra *Emília no País da Gramática*;
- Os alunos podem encenar passagens do livro incorporando os personagens do sítio e aqueles que habitam o país da gramática;
- O roteiro da peça deve ser montado conforme o enredo, as características das personagens e a linguagem expressa na referida obra lobatiana;
- É necessário, portanto, o máximo de cuidado para que não ocorra uma descaracterização do fazer literário e pedagógico de Lobato.

O modo como Lobato configurou sua obra infantojuvenil na qual se inclui *Emília no País da Gramática* possibilita os diálogos como outros gêneros artísticos. Não por acaso, o Sítio do Picapau Amarelo foi tão adaptado para o teatro, cinema e televisão. Assim, o intento de montar uma peça de teatro baseada na obra supracitada é uma forma não apenas de aprovar a leitura, mas também de usufruir de uma riqueza literária capaz estabelecer um intercâmbio com outra arte baseada na oralidade como é o caso do teatro.

#### ***F) Convite ao vasto mundo da literatura a partir de Lobato***

- Contextualização da obra por parte do professor assim como do legado de Monteiro Lobato para a formação dos leitores;
- Incentivo à leitura de obras de literatura infantojuvenil de Lobato e de outros escritores.

Para encerrar esse conjunto de atividades, que se supõe adequadas à obra em questão, é conveniente que o professor realize um momento de reflexão compartilhada com os alunos acerca de tudo aquilo que foi trabalhado ao mesmo tempo em que pode apresentar e/ou sugerir a leitura de outras obras literárias tanto de Lobato quanto de outros escritores que têm muito a oferecer para a formação cultural e humanística.

Como se vê o próprio texto literário oferece um conjunto de elementos em condições de dialogar com outras artes e tocar concomitantemente a sensibilidade e a razão humana. Propostas de como se fazer uso da literatura em sala de aula podem surgir em grande quantidade e até se repetirem, mas os resultados obtidos serão sempre imprevisíveis, pois fatores de ordem individual e coletiva estão sempre presentes nas relações de ensino-aprendizagem. Colocar a literatura nesse meio torna o jogo ainda mais problemático, o que na verdade é algo paradoxalmente prazeroso. Nesse sentido, não se pode negar que “muito mais do que uma simples atividade inserida em propostas de conteúdos curriculares, oferecer e discutir literatura em sala de aula é poder formar leitores, é ampliar a competência de ver o mundo e dialogar com a sociedade” (GREGORIN FILHO, 2009, p. 77-78).

Além disso, não se pode negar que o ensino de língua materna tem passado por muitos questionamentos e debates principalmente quando se nota os níveis precários da qualidade de leitura de grande parte dos estudantes brasileiros. A necessidade da busca de soluções que pelo menos amenizem essa situação move ações de pesquisadores e do poder público.

O fato que parece consensual é que a escola precisa oferecer melhores condições para que a leitura, como ato capaz de promover certa autonomia intelectual, seja praticada com maior ênfase e qualidade. Mesmo assim, é importante reconhecer o papel mais amplo nesse processo que envolve a sociedade como um todo.

Construir uma sociedade de leitores aptos a compreender e fazer uso conveniente das várias formas da língua, inclusive da norma padrão, não é tarefa fácil, sobretudo com o histórico de pouca prioridade dada à educação em solo brasileiro. Diante dessa realidade envolta de complexidade, as modestas sugestões de teor pedagógico, a serem postos em prática no 7º ano do Ensino Fundamental, são apenas um ensaio preliminar e obviamente inacabado do muito que ainda pode ser feito pela educação quando se fala da leitura como carro-chefe. A literatura infantojuvenil, nessa perspectiva, é vista com instrumento indispensável, já que se concorda com Monteiro Lobato quando propôs a necessidade de investir nos “pequenos”. A obra *Emília no País da Gramática* cuja natureza didática voltada para o estudo da gramática normativa é uma demonstração de como a literatura, sem necessário processo de desqualificação, é portadora de uma funcionalidade além do prazer estético.

Sendo assim, o estudo da língua materna que é um dos sustentáculos para as múltiplas aprendizagens a que o sujeito é condicionado na sociedade não deve dispensar o elemento literário como elo formador do leitor e do cidadão. A proposta esboçada, neste trabalho acadêmico, constitui, portanto, apenas uma dica e um olhar reflexivo a mais do que pode ser feito no processo de formação de leitores tão repleto de possibilidades.

### **3 O uso da obra *O Picapau Amarelo* no 7º ano do Ensino Fundamental**

A grandeza do texto literário talvez esteja na ausência de uma imposição de limites quanto às abordagens temáticas. Todas as demandas que envolvem a vida humana podem ser matérias literárias. Tal abrangência e relevância seriam capazes de explicar um vácuo considerável na mente do indivíduo quando este não tem a oportunidade de lidar de modo mais intenso com a palavra escrita que se transfigura em arte.

No processo de desenvolvimento dos indivíduos a literatura pode servir como intercâmbio para o conhecimento e reflexão acerca de elementos culturais que são (re)construídos incessantemente pelos mais diversos grupos da sociedade. Mitos, lendas e tradições dos povos, criados ao longo do tempo, são postos em diálogo com a realidade por intermédio da arte literária. O imaginário como fuga ou pretexto para uma compreensão mais

aguda das questões sociais e políticas são possibilidades que não se excluem, necessariamente, quando se analisa o trabalho artístico com a palavra escrita.

Enquanto gênero literário com a especificidade de ser responsável por inaugurar salutarmente o processo de letramento literário dos indivíduos, a literatura infantojuvenil pode facilitar sua empreitada quando se faz compreender como um sistema no qual naturalmente as obras podem estabelecer relações intertextuais ao mesmo tempo do seu caráter de universalidade. Não abdicando da construção de uma literatura infantojuvenil de alto grau de brasilidade Monteiro Lobato deu exemplo claro de que as crianças brasileiras necessitavam de um leque maior de saberes de uma literatura que ultrapassasse as fronteiras do país.

A formação do leitor para Lobato não poderia prescindir de uma abordagem ampla da literatura infantojuvenil produzida no mundo. A leitura dos clássicos produzidos na Europa seriam componentes essenciais para que os iniciantes no ato de ler adquirissem uma bagagem cultural capaz de auxiliar na compreensão das nuances que envolvem o texto literário como um todo. Quanto à importância dos clássicos na construção do leitor, Machado (2002, p. 19-20) atesta:

Direito e resistência são duas boas razões para a gente chegar perto dos clássicos. Mas há mais. Talvez a principal seja o prazer que essa leitura nos dá. Muita gente fala em prazer da leitura, mas às vezes essa noção fica um pouco confusa. Claro, existe um elemento divertido, de entretenimento, em acompanhar uma história engraçada, emocionante ou cheia de peripécias. É uma das alegrias que um livro pode proporcionar – mas essa é apenas a satisfação mais simples, evidente e superficial. Há muito mais do que isso. Muito mesmo, como sabe qualquer leitor. Existe, por exemplo, o gosto pela viagem – um prazer muito especial, que não deve ser confundido com fuga, evasão ou escapismo. É o gosto pela imersão no desconhecido, pelo conhecimento do outro, pela exploração da diversidade. A satisfação de se deixar transportar para outro tempo e outro espaço, viver outra vida com experiências diferentes do cotidiano. Mas a leitura dos bons livros de literatura traz também ao leitor o outro lado dessa moeda: o contentamento de descobrir em um personagem alguns elementos em que ele si reconhece plenamente. Lendo uma história, de repente descobrimos nela umas pessoas que, de alguma forma, são tão idênticas a nós mesmos, que nos parecem uma espécie de espelho. Como estão, porém, em outro contexto e são fictícias, nos permitem um certo distanciamento e acabam nos ajudando a entender melhor o sentido de nossas próprias experiências.

Nessa lógica, tudo indica que no fazer literário lobatiano estava incluso o entendimento de que a literatura na condição de repositório dos mais diversos sentimentos e realidades do ser humano não deveria sofrer qualquer tipo de objeção, ou seja, os indivíduos necessitavam conhecê-la como forma até mesmo de compreenderem a si mesmos e aos outros. No conjunto

de suas obras infantojuvenis, que ficaram conhecidas pelo nome de Sítio do Picapau Amarelo, destaca-se, aqui, um enredo que demonstra bem o leitor múltiplo pretendido por Lobato: trata-se da obra *O Picapau Amarelo* (1939).

O método de contar uma história concomitante a um intercâmbio com outras narrativas é fato incontestado no referido livro. Em *O Picapau Amarelo*, Lobato faz com que os habitantes do Sítio sejam anfitriões de vários personagens que são componentes de muitas histórias: contos de fada, mitologia grega, e até o herói desastrado, Dom Quixote, passaria uma temporada nessas terras brasileiras.

Como no Sítio a fantasia é abundante, tudo começa com uma carta enviada pelo Pequeno Polegar para Dona Benta. A partir de então os moradores do Sítio nunca mais seriam os mesmos, pois estariam com os personagens que conheciam pelos livros compartilhados com a proprietária daquelas terras. A leitura da carta feita por Emília e a reação dos ouvintes se deu da seguinte forma:

‘Prezadíssima Senhora Dona Benta Encerabodes de Oliveira: Saudações. Tem esta por fim comunicar a Vossa Excelência que nós, os habitantes do Mundo da fábula, não aguentamos mais as saudades do Sítio do Picapau Amarelo e estamos dispostos a mudar-nos para aí definitivamente. O resto do mundo anda uma coisa das mais sem graça. Aí é que é o bom. Em vista disso, mudar-nos-emos todos para sua casa – se a senhora der licença, está claro... ‘. O assanhamento da criançada subiu a cem graus, que é o ponto de fervura da água. Ficaram todos borbulhantes de alegria. Pedrinho disparou a fazer projetos de brincadeiras com Aladim e o Príncipe Codadade. Narizinho queria conversas de não acabar mais com Branca de Neve e a Menina de Capinha Vermelha. Até o Visconde lambeu os beiços ansiosos por uma discussão científica com Mr. de La Fontaine, o famoso fabulista encontrado na viagem feita ao ‘País da Fábula’. – Que suco vai ser, vovó? Todos aqui, imagine! Será que também vem Dom Quixote? – Eu que quero é lidar com os anões de Branca de Neve! O Dunga, o Zangado... Ah, gostosura! Mas Dona Benta estava incerta. A população do Mundo da Fábula era grande; como acomodá-la toda ali num sítio que não tinha mais de cem alqueires de terra? (LOBATO, 2008, p. 13-14)

A dona do Sítio, instigada pelos desejos dos demais moradores, não teve como negar a hospitalidade, mas como o espaço era pequeno para tantos personagens foi obrigada a comprar as terras da vizinhança. Para Dona Benta dinheiro não era problema depois do petróleo descoberto em suas terras. Assim, é construída uma literatura como um seriado no qual uma história se conecta com a outra.

Nos estudos contemporâneos da linguística, coadunados com os avanços facultados pela internet, fala-se bastante acerca dos hipertextos que se configuram na possibilidade da

interligação imediata de múltiplos textos, o que possibilita uma leitura e um acesso ao conhecimento muito mais amplo. Nesse sentido, independentemente dos escassos aportes tecnológicos existentes à época da publicação do livro *O Pica-pau Amarelo* (1939), percebe-se a intenção de oferecer ao leitor infantojuvenil a possibilidade de interação, mesmo não imediata, como outras obras de cunho universal. A ampliação do leque cultural e literário dos indivíduos com menos idade parece estar no bojo desses propósitos. Nesse contexto, o Sítio como *lócus* onde a imaginação dialoga com a realidade, e cujas fronteiras entre o mundo da mentira e o mundo da verdade nunca estão bem delineadas existe o espaço para o conhecimento de muitas personalidades. O trecho seguinte mostra que um intercâmbio é, na maior parte das vezes, extremamente salutar:

A mudança dos famosos personagens constituiu uma longa festa para Dona Benta e os meninos. Horas e horas passavam debruçados na cerca, vendo chegar aquele povaréu maravilhoso – as princesas comas suas damas de companhia e a criadagem; os anões, carregando todas as peças do castelo de Branca de Neve; Capinha Vermelha puxando a casa da sua vovó comida pelo lobo. Mudança completa. Peter Pan trouxe tudo que havia na Terra do Nunca – até o mar onde vogava a Hiena dos Mares do Capitão Gancho. – E os índios também! Lá estão os índios da Pantera Branca! – observou Emília ao ver chegar o bando de guerreiros cor de cobre. – E aquilo lá longe? – Indagou Pedrinho, apontando para uma menina com um bandão de esquisitices atrás. Mas reconheceu-a logo: – É Alice! Vem com o bando todo – Twiddledum, o Gato Careteiro, o Coelho Branco, a Tartaruga... Tia Nastácia também não sai da cerca. – Credo, Sinhá! Que vai ser de nós de hoje em diante! Quanta estrepolia, meu Deus! Se isto desta vez não pegar fogo... Quindim olhava por cima da cerca sem compreender coisas nenhuma; mas o Burro Falante, que estava ao seu lado e era sabidíssimo, ia explicando a situação, contando quem era este ou aquele. – Oh! – exclamou o Burro quando viu chegar Dom Quixote e Sancho, um montado no Rocinante e outro no burrico. – Vou ter afinal dois bons companheiros. Uma ideia lhe veio à cabeça: convidar aqueles personagens de quatro pés para ficarem aquém da cerca, no seu pastinho. Pensou e veio propô-lo a Dona Benta. – O pasto é muito grande para um só; há lá capim para três e ainda sobra. Bem precisado anda Rocinante de um bom sucesso no pasto... Dona Benta achou que sim, mas que tudo dependia de Dom Quixote e Sancho. Tinha de consultá-los. A novidade maior foi a chegada dos personagens da mitologia grega – uma quantidade enorme! (LOBATO, 2008, p. 21-22)

Percebe-se, portanto, que a leitura de *O Pica-pau Amarelo* outorga à criança a reativação ou iniciação em outras leituras que fazem parte do universo da literatura infantojuvenil. Quem já conhece Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho, Peter Pan, Dom Quixote, entre outros, poderá revê-los. Aqueles que não tiveram o contato com esses personagens poderão ter uma ponte para a leitura dessas obras. De qualquer forma, essa obra

lobatiana traz uma riqueza de elementos literários a ponto de estabelecer uma interação com outras narrativas.

Embora não se possa atribuir o conceito de hipertexto a tal obra de Lobato, assim como outros livros que compõem o *Sítio do Picapau Amarelo*, parece ser nítido o fato de que na obra supracitada a narrativa se torna bastante abrangente devido à inevitável necessidade de outras leituras. Em outras palavras, pode-se dizer que quem lê essa obra de Lobato estará em contato com uma série de outras histórias que representam grande parte do legado literário produzido para o público infantojuvenil no mundo.

Como método de escrita coadunado com o projeto de formação do leitor, a tática lobatiana de fazer do *Sítio do Picapau Amarelo* um espaço para múltiplas histórias resulta numa literatura oportuna ao uso didático. A arte literária, nesse caso, como salutar instrumento pedagógico serve para ampliar as percepções de aspectos culturais que envolvem a humanidade. Ademais, é reconhecível que a relação com a linguagem em todas as suas formas, incluindo a artística, é necessidade que não se pode prescindir.

Assim sendo, a escola, na condição de ambiente no qual a literatura infantojuvenil deve ser explorada, adquire um bônus considerável quando se encontra aberta às obras de teor universal. Desenvolver o potencial dos leitores de menor porte incluir o lidar com aspectos da linguagem com a adequada compreensão dos níveis de complexidade. A leitura de diversas obras de autores representantes de culturas e épocas distintas associada a um processo de reflexão mediado pelo professor são ingredientes essenciais para o êxito de uma educação humanizadora e crítica. A importância dessa literatura enquanto fator preponderante na formação do leitor e a sua adequação à conjuntura educacional é comentada por Cosson (2006, p. 29-30) ao afirmar:

Em suma, se quisermos formar leitores capazes de experienciar toda força humanizadora da literatura, não basta apenas ler. Até porque, ao contrário do que acreditam os defensores da leitura simples, não existe tal coisa. Lemos da maneira como nos foi ensinado e a nossa capacidade de leitura depende, em grande parte, desse modo de ensinar, daquilo que nossa sociedade acredita ser objeto de leitura e assim por diante. A literatura simples é apenas forma mais determinada de leitura, porque esconde sob a aparência de simplicidade todos as implicações contidas no ato de ler e de ser letrado. É justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo. Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem.

As ideias postas por Cosson (2006) revelam a importância que deve ser atribuída ao texto literário como instrumento pedagógico que supera o aspecto lúdico. A amplitude da função da literatura refuta a ideia de uma arte meramente promotora de um prazer estético. Nesse sentido, como a linguagem é o cerne de tudo que envolve o fazer literário, o contato dos indivíduos mais jovens com textos de tal natureza representa uma contribuição no processo de desenvolvimento intelectual e psíquico.

A ideia de letramento literário, também defendida pelo autor supracitado, tem em seu bojo a necessidade que o ser humano tem de adquirir, cada vez mais, as aptidões no trato com as nuances inerentes a linguagem. Todavia não se pode dizer que o simples fato de outorgar às crianças o contato efetivo com a literatura é garantia cabal da configuração de um adulto leitor proficiente.

O que há de fato são possibilidades patentes de que a literatura infantojuvenil, ao ser bem trabalhada no contexto escolar, tem como instrumento propulsor de múltiplas aprendizagens que estão inevitavelmente condicionadas à boa relação do indivíduo com os diversos modos de dizer. Nessa rota de pensamento no qual a literatura para crianças se torna útil como ferramenta de uma expansão de conhecimentos mais amplos, é possível considerar as palavras de Palo e Oliveira (2006, p. 14) ao declararem:

... o verdadeiro sentido de uma ação pedagógica que é mais do que ensinar o pouco que se sabe, estar de prontidão para aprender a vastidão daquilo que não se sabe. A arte literária é um dos caminhos para esse aprendizado. A função utilitário-pedagógica só resta um caminho, que a leve ao verdadeiro diálogo com o ser literário infantil: propor-se enquanto proto-pedagogia ou quase pedagogia, primeira e nascente, capaz de rever-se em sua estratificação de código dominador do ser literário infantil, para, ao recebê-lo em seu corpo, banhar-se também na qualidade sensível desse ser com o qual deve estar em harmônica convivência.

Percebe-se que, nessas fronteiras controversas estabelecidas entre arte e pedagógico, a literatura para menores consegue romper paradigmas tendo seu papel sociopolítico e educacional sem o necessário detrimento ao âmago artístico. A literatura infantojuvenil lobatiana é uma demonstração dessa convivência pacífica entre o ensinar e o fantasiar por intermédio das narrativas. Assim, a sala de aula como campo de discussão de obras com tais características pode constituir um fator relevante capaz de auxiliar em um verídico processo de formação de leitores numa sociedade como a brasileira que pelas condições socioeconômicas desiguais e a mesquinha política, ao longo de muitas gerações, ainda sofre com elevado nível de analfabetismo funcional.

É óbvio que não se pode propor a panaceia dos problemas educacionais brasileiros apenas com a inserção de um ensino de literatura de qualidade no Ensino Fundamental (doravante EF), mas é preciso reconhecer que mudanças precisam ser feitas para que os alunos brasileiros não fiquem em posições vergonhosas em testes internacionais onde se avalia a capacidade de leitura.

É nesse sentido que se insere uma sugestão de uso didático de uma obra infanto-juvenil lobatiana no contexto do EF. A proposta pedagógica foca em específico o 7º ano e o livro base é o já citado *O Picapau Amarelo*. Diante da riqueza de personagens e histórias entrelaçadas que a referida obra apresenta é possível realizar atividades com um público ainda infantil numa perspectiva de uma gênese de um processo contínuo e inesgotável: a formação do leitor. Nessa lógica é preciso entender que no contexto brasileiro, em que a educação básica pública ainda convive com graves problemas no tocante à leitura e à escrita, não se podem preterir propostas que façam das crianças e adolescentes leitores em termos de quantidade e qualidade.

Sendo assim, propor a leitura de *O Picapau Amarelo* em turmas do 7º ano do EF pode significar a possibilidade de um projeto de leitura muito mais amplo, capaz de ser um estímulo no processo de letramento literário. A ideia é de que ao lerem a referida obra, as crianças e/ou adolescentes tenham a oportunidade de conhecer outras histórias da literatura universal. Esse livro de Lobato pode servir, dessa forma, como um “link” para um acervo literário maior no qual as crianças poderão ampliar suas leituras literárias. A proposta didática pautada, aqui, pode ser expressar com a série de atividades que passam a ser elencadas:

#### ***A) Apresentação da obra e solicitação de leitura***

- O professor pode estabelecer um diálogo da turma acerca da obra ao mesmo tempo em que realiza indagações sobre os conhecimentos que os alunos têm em relação a esse tipo de literatura produzida por Monteiro Lobato. Assim, é possível pôr em pauta questões como: Já leram alguma obra de Monteiro Lobato? Já ouviram falar ou assistiram algo relacionado ao Sítio do Picapau Amarelo?
- Após a apresentação da obra é imprescindível solicitar a leitura cabal desse texto literário. Essa leitura pode ser seguida de algumas anotações que os alunos fariam para registrar o que compreenderam e aquilo que ficou de aprendizagem da língua e dos conhecimentos literários.

**B) Realização de oficina para discutir o enredo da obra**

- Com a leitura realizada por todos os alunos (ou a maior parte deles) é possível fazer uma oficina na qual os discentes poderão comentar acerca das lições que tiraram da obra lida;
- Na oficina poderão ser discutidos os perfis de todos os personagens do “Mundo da Fábula” (Peter Pan, Branca de Neve, Capinha Vermelha etc).

**C) Expansão da leitura: um link entre O Picapau Amarelo e as outras histórias**

- Finalizado o ato de leitura de *O Picapau Amarelo* é possível outorgar aos discentes o contato direto com as obras referentes aos personagens “estrangeiros” que fizeram do Sítio do Picapau Amarelo suas moradas;
- A ideia é de que os alunos possam realizar a leitura de um acervo considerável de obras da literatura infanto-juvenil com as quais o livro *O Picapau Amarelo* estabelece uma ponte;
- Obras como Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho, Peter Pan, histórias sobre a mitologia Grega, fábulas de La Fontaine, entre outros, poderão ser lidos pelos alunos durante o ano letivo.

**D) Sistematização da leitura e produção escrita**

- As leituras das obras supracitadas podem ser acompanhadas de fichas de leitura (simples) nas quais os alunos registrem suas aprendizagens acerca dos livros lidos;
- O passo seguinte ao processo individual de leitura pode ser a realização de oficinas nas quais os discentes, com a mediação do professor, possam trocar experiências acerca das obras lidas;
- O fechamento das atividades de leitura pode culminar na produção escrita de resumos e/ou resenhas dos livros trabalhados. Ademais, pode-se fazer uma coletânea com as produções textuais para exposição em eventos e compor o acervo da biblioteca da escola.

Desse modo, um incentivo no processo de letramento literário por intermédio de um contato efetivo com a literatura infantojuvenil pode ser o âmago do uso da obra *O Picapau Amarelo* em sala de aula. O entendimento é que se a literatura for trabalhada adequadamente

com os alunos do 7º ano do EF, assim como nas demais séries, há grandes chances de ocorrerem avanços consideráveis nas habilidades linguísticas e cognitivas simultaneamente ao surgimento de um apreço real pela prática da leitura de textos literários ou não literários.

#### 4 Considerações finais

Em sua obra infantojuvenil, Monteiro Lobato deixou, sem dúvida, marcas de sua personalidade ao mesmo tempo em que expressou suas frustrações com as empreitadas não exitosas como no caso do petróleo. Nesse sentido, o filho de fazendeiro (e fazendeiro fracassado), o empresário, editor e escritor de visão nacionalista estão subjacentes em cada livro que dedicou às crianças e adolescentes.

Desse modo, a literatura que Lobato destinou àqueles com pouca idade representa a esperança em um país onde as pessoas tivessem um maior grau de politização e civilidade. Os problemas sociais e as questões políticas são postas aparentemente de forma prematura para quem ainda começa a compreender o mundo que o cerca. Uma literatura que de algum modo busca a formação de cidadãos mais críticos é o cerne da imensa obra literária produzida pelo “pai da literatura infantojuvenil brasileira”.

Em meio ao reconhecimento de méritos quase consensuais acerca do valor literário das obras lobatianas voltadas para o público infantojuvenil, a emergência de uma controvérsia põe em questão a possibilidade de existir resquícios de uma ideologia racista em alguns livros escritos por Lobato para os menores. A celeuma é válida já que está em debate uma situação de discriminação racial que ainda não foi superada no Brasil como em muitos lugares do mundo.

O que na verdade deve ter mais importância é o modo como essa literatura lobatiana chega aos lares brasileiros e, sobretudo na sala de aula, *lócus* no qual não apenas se ensina teorias, regras e métodos, mas também se auxilia no desenvolvimento do senso crítico. A natureza controversa da obra infantojuvenil de Lobato parece ser um fato a ser explorado de maneira a não chocar as crianças, mas ser um instrumento que produza conhecimento associado a um processo de reflexão mesmo incipiente.

A vasta obra lobatiana escrita para os mais jovens pode, dessa forma, ser um dos pilares na formação do leitor uma vez que a infância é uma fase marcante da vida humana na qual experiências positivas como a leitura torna-se crucial para um salutar desenvolvimento intelectual. Pelo fato de apresentar constantemente uma relação de interação com outras obras,

o trabalho desenvolvido por Lobato amplia a visão de mundos dos menores e assim consegue outorgar instrumentos para a constituição de um leitor crítico.

As ideias consensuais quanto ao valor literário e educacional das obras lobatianas são concomitantes às controvérsias que emergem com tanto vigor a ponto de existir sugestões de censura. Entende-se que a literatura infantojuvenil produzida por Lobato, como qualquer outra, não está acima de qualquer suspeita quanto aos seus intentos políticos e ideológicos, mas parece ser irrefutável a contribuição desse fazer literário que auxiliou na formação de leitores de muitas gerações e ainda permanece como um salutar recurso literário-didático no contexto escolar.

Nesse sentido, as propostas de uso em sala de aula de obras que compõem Sítio do Picapau Amarelo são válidas na medida em que podem vislumbrar práticas pedagógicas inovadoras nas quais a literatura e o ensino de língua materna são parte do mesmo projeto: o desenvolvimento do ser humano nos mais diversos aspectos. A escolha das obras *Emília no País da Gramática* e *O Picapau Amarelo*, como potenciais ferramentas para uso em sala de aula, está relacionada justamente a esse entendimento de que para o público infantojuvenil os conhecimentos da língua e da cultura universal são basilares para que o processo incessante de constituição do leitor transcorra de modo exitoso.

Com a obra *Emília no País da Gramática* ocorre a intenção nítida do escritor de oferecer às crianças um conhecimento razoável não apenas de normas e classificações presentes na Língua Portuguesa, mas uma compreensão de uma heterogeneidade linguística que confere a possibilidade de mudanças de regras e usos nos sistemas de fala e escrita. O livro supracitado traz, desse modo, uma visão de uma gramática normativa que está condicionada aos seus verdadeiros donos, ou seja, aos usuários da língua. Nessa lógica, o uso desse constituinte literário-didático em sala de aula pode favorecer a um entendimento mais amplo acerca da língua o qual é capaz de culminar na construção do leitor com um repertório cognitivo relevante no seu processo de leitura.

A partir de *O Picapau Amarelo* percebeu-se a possibilidade de estabelecer um intercâmbio com várias obras da literatura infantojuvenil e assim ampliar o leque literário-cultural de um público em franco processo de amadurecimento que necessita de leituras múltiplas capazes de abrir horizontes linguísticos, artísticos e temáticos. Essa obra pode outorgar, dessa forma, uma compreensão de que os textos literários têm a possibilidade de dialogarem num processo constante de reflexão.

Nessa esteira de pensamento, compreende-se a imprescindibilidade de uma formação de leitores proficientes e críticos que possa ser um dos pilares da sociedade brasileira com um grau de civilidade e cidadania mais elevado. A empreitada para que se tenha uma educação pública de veraz qualidade perpassa inevitavelmente pelo crivo da leitura. A função da literatura em um contexto escolar pode ser, assim, relevante na construção de um país de leitores como tão bem defendeu Monteiro Lobato.

O entendimento é de que muito, ainda, precisa ser realizado para que a leitura adquira a devida importância em terras brasileiras. Para que isso ocorra é mister o engajamento de vários setores da sociedade. O poder público, a mídia, a família e a escola são estruturas essenciais para que se tenha um país de leitores. Nesse sentido, percebeu-se que Lobato fez sua parte como um grande cidadão brasileiro do século XX, deixando um legado que permanece vigoroso em dias atuais.

O pensamento lobatiano, refletido numa vasta obra destinada ao público infantojuvenil, apresenta em seu âmago a consciência de uma dimensão sociopolítica que envolve o ato de ler. Com essa compreensão, todo percurso teórico, crítico, reflexivo e propositivo realizado, nessa dissertação, reflete um desejo de mudanças e /ou evolução nas estruturas de pensamento de imensa parte da população brasileira que só ocorrerá com uma educação pública de qualidade na qual a leitura outorgue uma razoável autonomia na busca incessante por um saber crítico.

## Referências

ANTUNES, I. **Aula de português: encontro e interação**. 7. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BIGNOTTO, C. **Monteiro Lobato em construção**. Disponível em: <[www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/cilza01Lobatopdf](http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/cilza01Lobatopdf)>. Acesso em: 10 abr. 2014.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Introdução. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CADEMARTORI, L. **O que é literatura infantil**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.

COELHO, N. N. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

COLOMER, T. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. 1. ed. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

COSSON, R. O espaço da literatura em sala de aula. In: PAIVA, A.; MACIEL, F.; COSSON, R. (Coord.). **Literatura: Ensino Fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o Ensino; v. 20)

COSTA, M. M. **Metodologia do ensino da literatura infantil**. Curitiba: Ibpex, 2007.

GÓES, L. P. **Introdução à literatura para crianças e jovens**. São Paulo: Paulinas, 2010.

GREGORIN FILHO, J. N. **Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores**. São Paulo: Editora melhoramentos, 2009.

LEITE, L. C. M. **Gramática e literatura: desencontros e esperanças**. In: GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1997.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2004.

LAJOLO, M. **Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida**. 2. ed. São Paulo: Salamandra, 2006.

LOBATO, M. **O Picapau Amarelo**. São Paulo: Globo, 2008.

LOBATO, M. **Emília no País da Gramática**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2009.

MACHADO, A. M. **Como e por que ler os clássicos desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

OLIVEIRA, M. A. **A literatura para crianças e jovens no Brasil de ontem e de hoje: caminhos de ensino**. São Paulo: Paulinas, 2008.

PALO, M. J.; OLIVERIA, M. R. D. **Literatura infantil: voz da criança**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

PARREIRAS, N. **Confusão de línguas na literatura: o que o adulto escreve, a criança lê**. 1. ed. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

PEREIRA, L. R. Na esteira de Lobato. In: FARIA, N. **Language and literatures today: proceedings of the XIXth Triennial Congress of the international Federation for Modern Language and Literatures**, Brasília, 22-30 August 1993. Brasília: Universidade de Brasília, 1996.

PIETRI, E. **Práticas de leitura e elementos para a atuação docente**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ediuoro, 2009.

SANDRONI, L. **30 Anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras**. In: SERRA, E. D.'A. (Org.). Campinas: Mercado de Letras, 1998.

Artigo recebido em: 02.07.2016

Artigo aprovado em: 30.12.2016